

RIVAIL LUCAS DE OLIVEIRA

**PESQUISA SOBRE O ÊXODO RURAL E SUA INTERFERÊNCIA NA  
EVASÃO ESCOLAR NO DISTRITO DE CALÓGERAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à banca do Curso de Especialização em  
Educação do Campo da Universidade Federal  
do Paraná. Como requisito parcial para  
obtenção do grau de especialista.

**Profº Orientador:** Marcelo Silva da Silva.

MATINHOS

2011

## PESQUISA SOBRE O ÊXODO RURAL E SUA INTERFERÊNCIA NA EVASÃO ESCOLAR NO DISTRITO DE CALÓGERAS

Oliveira, Rivail Lucas de<sup>1</sup>  
Silva, Marcelo Silva da<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo busca entender os motivos do êxodo rural do Distrito de Calógeras. Sabe-se que o êxodo rural está ligado a vários fatores, dos quais o mais responsável é a falsa ideia de que se dirigindo para os grandes centros a qualidade de vida vai melhorar, quando na verdade a situação se complica, acontecendo os desequilíbrios setoriais, ou seja, a questão das sub moradias e o desemprego, situação que obriga as famílias a se deslocarem para as vilas formando verdadeiras favelas. Ao sair da zona rural, o homem do campo não tendo especialização alguma, se obriga a fazer qualquer serviço, os chamados “bicos”, recebendo pouco e trabalhando muito. Todos esses fatores negativos vão crescendo e o chefe de família, quando é possível, volta para sua terra, ou muitas das vezes se submete a atividades pouco recomendadas. Também pretende tratar sobre os problemas de evasão escolar, ocasionadas pelo êxodo rural, analisando as taxas apresentadas pelo Colégio Estadual do Campo de Calógeras, no ano de 2010. Sabe-se que é preciso que o Estado promova a segurança da política agrícola, especialmente para aqueles produtores que se dedicam às culturas de subsistência, no caso das hortas comunitárias. Em resumo o homem do campo precisa ter incentivo para permanecer no campo.

**Palavras-chave:** Êxodo; Campo; Cidades; Rural.

### INTRODUÇÃO

Este tema foi escolhido pelo fato de que a zona rural está diariamente sendo desocupada por famílias que, diante das circunstâncias climáticas e físicas que vivem desanimaram em ficar no campo e trabalhar com a lavoura migrando para as cidades.

A falta de estrutura física, má condição do tempo, a ausência de mecanização adequada para plantio e colheita e o baixo preço na época da colheita

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo – Projovem Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná - Litoral, e-mail: rivail@seed.pr.gov.br

<sup>2</sup> Educador Orientador, UFPR Litoral

tem sido pontos fundamentais para que o jovem juntamente com a família deixe o campo em busca de melhores condições de vida.

Pretende-se com esta pesquisa, analisar a vida dos moradores que ainda se encontram na zona rural do supracitado distrito e propor alternativas para que tal condição seja transformada em uma vida mais saudável e proveitosa.

Essa situação despertou o interesse pelo fato de trabalhar em uma escola estadual do referido distrito e perceber o elevado número de evasão escolar.

Os objetivos da pesquisa consistem em identificar as verdadeiras causas do êxodo rural; analisar possíveis alternativas para que o jovem e sua família permaneçam em seu local de habitação; proceder a pesquisa de campo para identificação dos problemas enfrentados pelos pequenos agricultores do Distrito de Calógeras; sugerir atividades alternativas que possam amenizar e/ou evitar o problema da evasão rural e propor a formação de hortas caseiras para o sustento da família.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DO DISTRITO DE CALÓGERAS

O Distrito de Calógeras está localizado no município de Arapoti, que está situado numa colina em meio aos campos que a cercam, este fato deu origem ao seu nome, o qual na época escolheu-se pela sua posição da colina rodeada de campos repletos de flores, inspirando o nome de “ARAPOTI”, que na língua “Tupi Guarani” significa “Campo Florido”. No local onde hoje se ergue a sede do município, existia na época a fazenda Capão Bonito, a qual dedicava-se a criação de gado, de propriedade do Sr. Luiz Ferreira de Melo, também conhecido por Luiz Pinheiro. Este, por volta de 1898, vendeu a fazenda à Romana Duarte de Camargo, que deram início à povoação. Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1968, o município é constituído de 3 distritos: Arapoti, **Calógeras** e Caratua. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. O distrito de Calógeras fica a 20 quilômetros do município de Arapoti, sua zona rural era bastante habitada,

atualmente as famílias saíram do campo para habitar nas cidades em busca de empregos ou de uma melhor qualidade de vida. Os moradores dos bairros vizinhos frequentam o Colégio Estadual de Calógeras que está situado no centro do mesmo.

## 2.1 PERFIL DA COMUNIDADE

A população do Distrito de Calógeras em sua maioria é formada por mulatos, negros, sendo que a população branca é minoria sendo estes descendentes direta ou indiretamente de europeus. A procedência da população é dos mais diferentes pontos do país, sendo as famílias mais tradicionais os fundadores do Distrito provem do Estado de Minas Gerais.

O nível de escolaridade da população é na sua maioria do país, sendo que alguns possuem o 2º grau completo e uma pequena parcela da população têm o Ensino Superior. Ainda existem muitos analfabetos.

O nível sócio econômico da população é de médio para baixo, pois a maioria da população trabalha como diarista, pequenos agricultores (produtores e sitiantes), mensalistas nas fazendas ao redor do Distrito, trabalhadores da construção civil e do comércio.

A maioria da população possui casa própria, água encanada, energia elétrica e saneamento básico.

## 2.1 CARACTERÍSTICAS DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DE CALÓGERAS

O mundo é marcado pela emergência de novas estruturas organizacionais que são significativamente, mais democráticas e criativas. Níveis maiores de educação têm levado à percepção de que a chave para a construção da cidadania está em se alcançar uma cooperação mais eficaz entre todos os envolvidos, canalizando esforços e energia no sentido de promover a qualidade de ensino.

A organização escolar tem início na atualização contínua das informações básicas da escola: condições do prédio, o número de turmas, de estudantes, de evadidos, de aprovados e reprovados, de professores e sua formação, cadastro de bens, registro de desempenho de alunos por série, por disciplina e bimestre.

A organização de turmas é feita de acordo com a Resolução n.864/2001, obedecendo ao padrão de metragem das salas que deverão ser compostas com o mínimo de 40 alunos e no máximo 45 alunos por turma. Sendo assim, as turmas são formadas pelo número de matrícula, respeitando a opção dos alunos para os períodos matutino e noturno, dando preferência aos alunos trabalhadores para frequentarem o período noturno.

Na visão de Inês B. de Oliveira, “uma sociedade democrática não é, portanto, aquela na qual os governantes são eleitos pelo voto, mas é aquela que possibilita a participação de todos nos processos decisórios que dizem respeito à sua vida (em casa, na escola, no bairro, etc.)”, de acordo com essa visão, o Colégio Estadual de Calógeras estabelece como prioridade à contextualização dos conteúdos curriculares, com a finalidade de retirar o aluno da condição de espectador passivo, buscando uma educação que permite o educando apropriar-se de princípios teórico-metadológicos que ajudem a compreensão e execução de tarefas instrumentais, dominando as diferentes formas de linguagem e situar, a si e ao seu trabalho, relação ao conjunto das relações sociais das quais participe.

### 2.1.1 Educação do Campo

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do referido colégio, a Educação do Campo tem sido historicamente marginalizada na construção de políticas públicas, sendo tratada como política compensatória. O currículo trabalhado para os povos do campo é essencialmente urbano, geralmente deslocado das necessidades e da realidade do campo. Raramente são tomados como referência para o trabalho pedagógico, os saberes, a cultura e a dinâmica dos trabalhadores do campo, bem

como, na organização do sistema de ensino, na formação de professores e na produção de livros didáticos.

Apesar disto, tendo em vista que neste colégio muitos alunos são oriundos da zona rural, busca-se desenvolver projetos relacionados com o trabalho e a vida do sujeitos do campo de nossa região, tais como: amostra cultural, danças, desfiles, estudo do meio ambiente, pesquisas de campo, projetos relacionados com a agricultura, pecuária, piscicultura e sericicultura, etc. Assim, a escola assegura a estes cidadãos o direito à educação e a escolarização, respeitando a diversidade cultural.

Todos os cuidados devem ser reservados para que o aluno e sua família não saiam do campo para procurar os grandes centros em busca de uma vida melhor, causando o êxodo rural.

### **3 ÊXODO RURAL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

Quando se fala em êxodo vem logo à mente a passagem bíblica onde narra a saída do povo israelita do Egito, ou seja, êxodo significa migração. De acordo com Faria (2007, p. 1) “os movimentos populacionais, também chamados de migrações, atingem, no mundo contemporâneo grandes dimensões, mas é um fenômeno tão antigo quanto o homem”. As primeiras populações humanas eram nômades, ou seja, viviam em constante deslocamento em busca do abrigo, água e alimento.

No entanto, quando se fala em êxodo rural o que ocorre é a ideia de que alguma coisa não vai bem. Em relação a isso Cardoso Neto (2009, p. 1) explica que,

Geralmente o êxodo rural ocorre devido à perda da capacidade produtiva, ou à falta de condições de subsistência, em determinado local que acarretarão no êxodo rural para outra localidade rural, ou, o êxodo rural para localidades urbanas. O mais comum, o êxodo rural para localidades urbanas, acarreta uma série de problemas sociais, estruturais e econômicos para os lugares para onde os “retirantes” se deslocam, legando ao “êxodo” um significado bastante pejorativo.

Vale ressaltar que, a vida no campo se tornou difícil diante das mudanças climáticas, pois fenômenos como o aquecimento global e outros, influenciaram de forma negativa, levando o planeta a presenciar as estações do ano completamente fora de época. Assim, o homem deixa o campo para aventurar nas grandes cidades em busca de empregos e/ou uma vida melhor para sua família, tendo em vista que são atraídos pelas áreas industrializadas.

Historicamente, o Brasil é marcado por muitos períodos migratórios caracterizados pelo abandono do campo. A respeito desse episódio, Faria (2007, p.1) relata:

Podemos citar a migração das regiões do nordeste onde predominava a agricultura da cana, para o sudeste onde floresciam as culturas de café ou mesmo para o norte, para os seringais. E, mais tarde, em tempos mais recentes, lá pela década de 50, se inicia uma nova migração, desta vez para a nova capital do país, Brasília.

Portanto, qualquer que seja a migração contada pela história, mostra a figura do homem que deixa um local e procura outro na tentativa de uma vida melhor, como é o caso da cidade de Brasília cuja realidade é narrada por Faria (2007) que a migração para Brasília “fez surgir inúmeras cidadelas que não estavam nos planos de infra-estrutura e que, por terem se instalado nos arredores da grande capital, foram chamadas de cidades-satélite”.

A literatura mostra que, todos os processos migratórios levam uma cidade a mudar a sua infra-estrutura, por ter sido planejada de uma forma, se obrigando a acolher e aceitar aqueles que mudam de um lado para outro em busca de uma vida de qualidade. De acordo com Mesquita (2010, p. 1),

O Brasil presenciou o seu período de maior êxodo rural entre as décadas de 60 e 80 quando aproximadamente 13 milhões de pessoas abandonaram o campo e rumaram em direção aos centros urbanos. Isso equivale a 33% da população rural do início da década de 60.

Dessa forma, pode-se dizer que a saída do homem do campo já não é um acontecimento recente, mas que já vem sendo notada e relatada pela história e sentida pelas grandes cidades que se acham inchadas, aglomeradas, não tendo estrutura para segurar tanta gente, ocasionando o crescimento desordenado dos centros urbanos, gerando um verdadeiro caos social.

Figura 1: Morador do campo migrando para a cidade



Fonte: <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/a-migracao-no-brasil.htm>

De acordo com Souza e Costa (2008, p. 1),

A partir dos anos 1960, os grandes proprietários de terra, passaram a investir na indústria, relegando às atividades agrícolas, um papel secundário. Esse fato pode ser justificado pelo papel imposto ao setor agrícola: fornecer capital e divisas para a expansão do setor industrial. Ao mesmo tempo, ainda predominavam na agricultura brasileira, juntamente com os latifúndios improdutivos, com terras férteis, na mão de um número reduzido de grandes proprietários, as grandes propriedades agrícolas voltadas para a exportação; entretanto, apresentando baixo nível de aproveitamento do solo e de produtividade. A política agrícola foi, e ainda é, direcionada por grupos de interesses, que dominam os processos de financiamento rural desde a pesquisa à concessão do crédito.

Na opinião dos autores supracitados, os pequenos agricultores tinham razão quando trocaram a zona rural pela urbana, pois suas atividades eram limitadas e a falsa ideia de que a cidade seria melhor levou-os a mudar de vida, ou pelo menos tentar.

Assim, continua Souza e Costa (2008), verifica-se nesse mesmo período, “a exigência de excessivas funções e contribuições pelo Governo, e também pela

sociedade, do setor agropecuário brasileiro, particularmente nas décadas de 60 a 80 do século passado”. As exigências excessivas podem ser relacionadas como:

- a) aumentar a produção e a produtividade; b) ofertar alimentos e matérias-primas a preços decrescentes; c) gerar excedentes para exportação ampliando a disponibilidade de divisas; d) transferir mão-de-obra para outros setores da economia; e) fornecer recursos para esses setores; e f) expandir o mercado interno por meio da compra de produtos e bens industrializados.

Essas exigências foram deixando o homem do campo um tanto descontente e desmotivado com a sua produção e no final da década de 80, o que dominou foi a maximização econômica aumentando a competitividade por meio de tecnologias modernas, ou seja, o serviço que os homens faziam era desenvolvido por máquinas.

Por esses motivos, o modelo de produção familiar, ficou desamparado. Como último recurso, a mão-de-obra abandonou o campo buscando emprego nas áreas urbanas. As conseqüências foram o aumento do êxodo rural e dos preços dos produtos da cesta básica, sem que tal aumento fosse em benefício do produtor. O direcionamento da pesquisa pública nesse período, também confirma o privilégio ao modelo convencional ou agroquímico (FARIA, 2007, p. 1).

A produção familiar se refere ao produtor que se dedica à cultura de subsistência, plantam para sustento próprio e da família, e vendendo nas cidades para assegurar algum ganho para comprar o que não produz. Mas a insegurança da política, a falta de incentivo, os baixos preços nas épocas de safra, leva o homem do campo a perceber a cidade como uma mágica para a realização dos seus sonhos.

E assim, milhões de pessoas migraram, diariamente, dos campos para as cidades, em algumas décadas, sem que os governos locais estivessem dispostos a investir no atendimento das necessidades mínimas de saneamento e moradia para estas populações. Um exemplo que pode ser mencionado é o caso da cidade de São Paulo que conta com milhares de famílias morando mal, sem saneamento

básico, sem emprego e sem nenhuma perspectiva de melhora. Isso é explicado por Cavalcanti (2008, p. 84),

As grandes cidades enfrentam problemas ambientais que se agravam devido a complexidade de ações, criações e produção dos homens que nela circulam, vivem, passeiam e trabalham. Tais ações são responsáveis pela sua configuração ambiental. Com isso, há mecanismos de expansão da área urbana em decorrência do crescimento populacional e da produção do espaço urbano que compreende: a especulação, a reserva de valor, a valorização de áreas a produção de periferias de centralidades, a criação de equipamentos sociais, de serviços, a abertura e a ampliação de vias públicas.

Devido à grande aglomeração nos centros urbanos, um dos problemas enfrentados é o ambiental, ou seja, é impossível controlar e exigir que as pessoas cuidem do seu ambiente, haja vista que moram em locais onde os únicos terrenos livres são as áreas de risco, como encostas de morros e barrancos, surgindo moradias à beira de morros correm risco de sofrer solapamento e deslizamentos de terra e é nesses locais que o lixo é jogado e fica a céu aberto, a água é poluída e não existindo arborização nem saneamento básico.

Souza (2002, p. 94) comenta que nas áreas urbanas o êxodo rural ocasiona muitos problemas de ordem estrutural e social, os principais são:

**Aumento do desemprego:** como o crescimento da população é muito acelerado, o mercado de trabalho não consegue absorver todos os trabalhadores, além disso, a falta de qualificação profissional dificulta a colocação em uma função.

**Aumento do subemprego:** em decorrência da falta de emprego e necessidade de ganhar o sustento, muitas pessoas se sujeitam a desempenhar atividades sem vínculos empregatícios para, pelo menos, conseguir adquirir sua alimentação.

**Crescimento de favelas:** a baixa renda e a falta de emprego derivam um problema na configuração da paisagem das cidades, uma vez que não podendo comprar um imóvel digno para morar muitas pessoas ocupam áreas periféricas sem condições e, em vários casos, em áreas de risco, isso provoca a expansão de casas precárias e bairros marginalizados.

**Marginalização:** a falta de oportunidades e de perspectivas proporciona o surgimento do crime e de atividades ilícitas, como a prostituição de adultos e crianças, tráfico de drogas, formação de quadrilhas, entre muitos outros conhecidos pela sociedade brasileira. Além do surgimento dos bóias-frias decorrente desse processo.

Assim, quando não há planejamento urbano, os problemas se multiplicam nas cidades como, por exemplo, criminalidade, desemprego, poluição, degradação do meio ambiente e o desenvolvimento desordenado de residências e pontos comerciais. No caso do êxodo rural é que as cidades ficam com a sua periferia super habitada e com isso a qualidade de vida diminui.

Ele aumenta em grandes proporções a população nos bairros de periferia das grandes cidades. Como são bairros carentes em hospitais e escolas, a população destes locais acabam sofrendo com o atendimento destes serviços. Escolas com excesso de alunos por sala de aula e hospitais superlotados são as consequências deste fato (FREITAS, 2002, p. 124).

Da mesma forma que a área urbana, os municípios rurais também acabam sendo afetados pelo êxodo rural. Com a diminuição da população local, diminui a arrecadação de impostos, a produção agrícola decresce e muitos municípios acabam entrando em crise.

Os processos de urbanização e industrialização, que também são profundamente inter-relacionados, constituíram-se através de profundas transformações no campo. Os mais atingidos pela migração foram aqueles que não possuíam terras e já trabalhavam para outros, porque com a mecanização e as precárias condições de vida no campo, são obrigados a migrar (FREITAS, 2002, p. 124).

Mas ao migrar, a crise também é enfrentada, pois quando procuram algum emprego percebem que não tem mão de obra qualificada e o que resta são os serviços pesados, pois se tornam motivo de exploração quando encontram trabalho que nem sempre é regulamentado e devidamente remunerado, e devido ao baixo retorno financeiro não ganhando o suficiente para o sustento da família, se bem que não existe emprego suficiente para tantos migrantes.

A figura abaixo mostra o quanto as realidades: campo e cidade são diferentes e não tem como as pessoas subsistirem nos grande centros com as mesmas habilidades desenvolvidas no campo.

Figura 2: Comparações entre o campo e a cidade



Fonte: <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/a-migracao-no-brasil.htm>

Em relação ao que foi descrito e demonstrado anteriormente, Souza (2008, p. 84) explica que, “o êxodo rural resulta em diversos problemas, no campo gera a diminuição da população rural no país, escassez de mão-de-obra e automaticamente diminui a produção de alimentos e matéria-prima, dessa forma força a inflação e há aumento no custo de vida”.

É nesse momento que as pessoas entram em desespero e logo o desejo do retorno se torna presente.

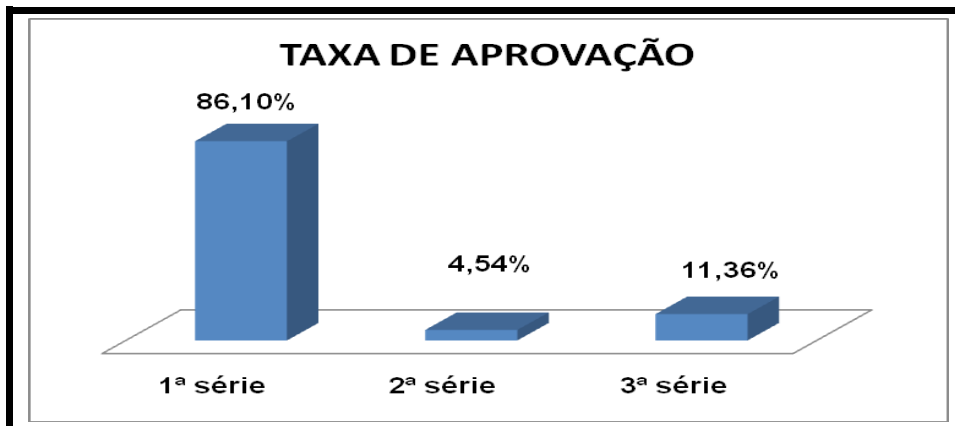
## **4 A EVASÃO ESCOLAR COMO CONSEQUÊNCIA RESULTANTE DO ÊXODO RURAL**

Observando e analisando os relatórios finais do Colégio Estadual do Campo de Calógeras, torna-se clara as alterações no número de alunos matriculados e concluintes a cada ano que passa, sendo que, a evasão e/ou abandono é uma realidade, gerada pela falta de motivação, migração das famílias que trabalham como bóias frias (buscando trabalho onde existem grandes safras), lavradores que trabalham o dia todo e quando vão para a escola já não tem mais ânimo para o estudo. E assim, as escolas enfrentam problemas no início do ano letivo, com grande número de turmas e matrículas e quando chegam ao final do primeiro ou segundo bimestre esse número cai, devido ao grande número de desistência devido ao êxodo rural.

A seguir será apresentada, em forma de gráficos, a taxa de aprovação, reprovação e abandono do ano de 2010.

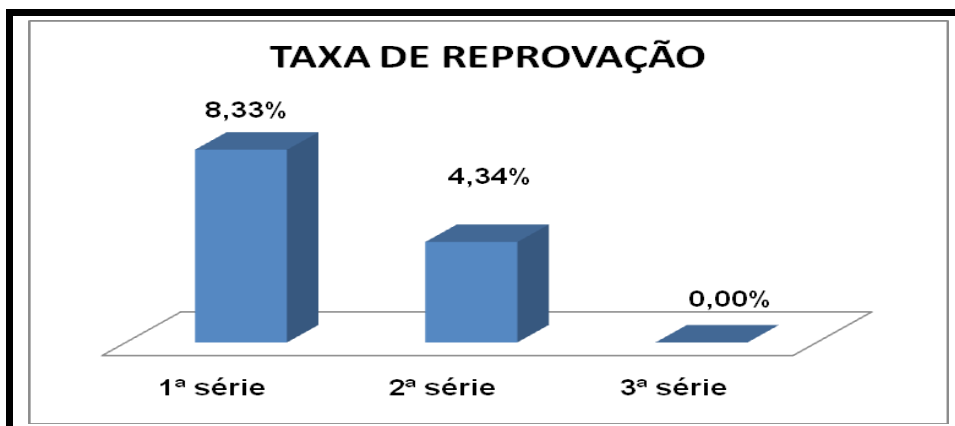
### **4.1 ENSINO MÉDIO**

#### **a) Gráfico 1**



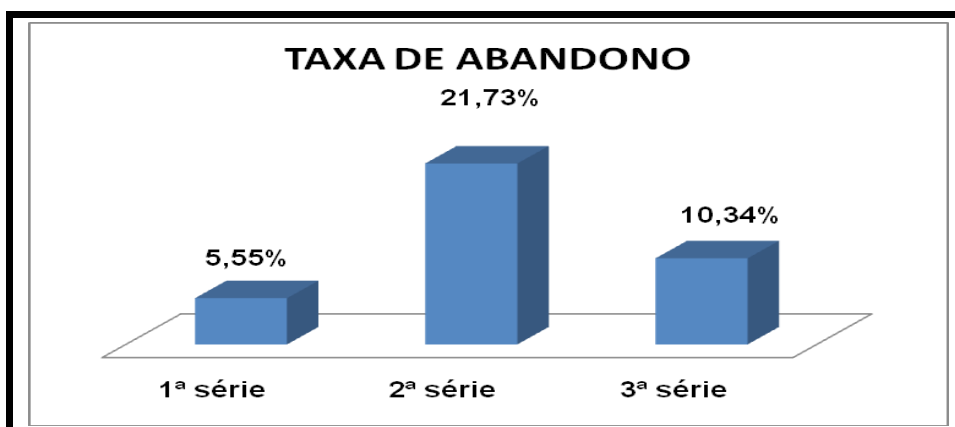
Fonte: SEED/SUDE/DIP/CIE – DADOS PRELIMINARES – SERE

b) Gráfico 2



Fonte: SEED/SUDE/DIP/CIE – DADOS PRELIMINARES – SERE

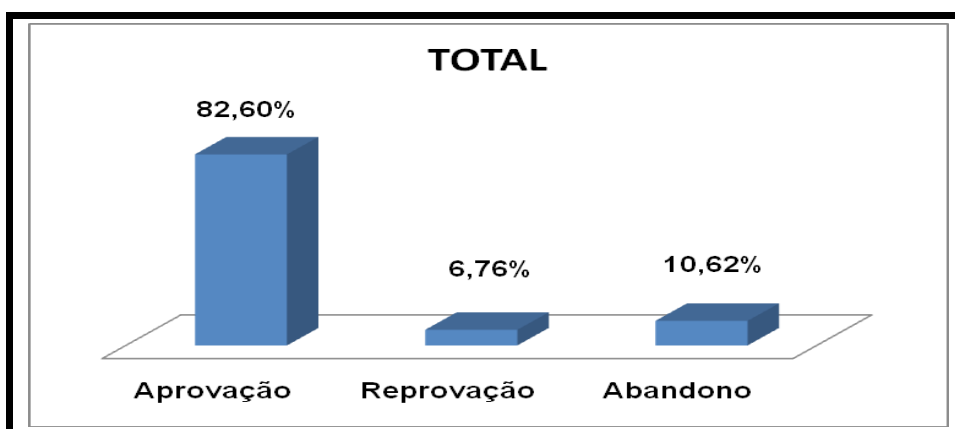
c) Gráfico 3



Fonte: SEED/SUDE/DIP/CIE – DADOS PRELIMINARES – SERE

Comparando os gráficos apresentados para o Ensino Médio, pode-se dizer que a taxa de abandono supera a de reprovação, ou seja,

d) Gráfico 4

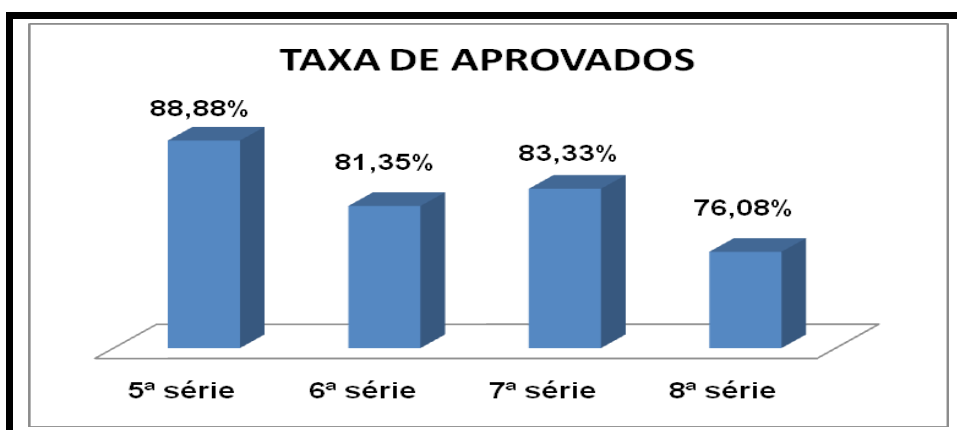


Fonte: SEED/SUDE/DIP/CIE – DADOS PRELIMINARES – SERE

Isso demonstra a real situação do êxodo rural, tendo em vista que as famílias migram de um lugar para outro em busca de uma vida melhor.

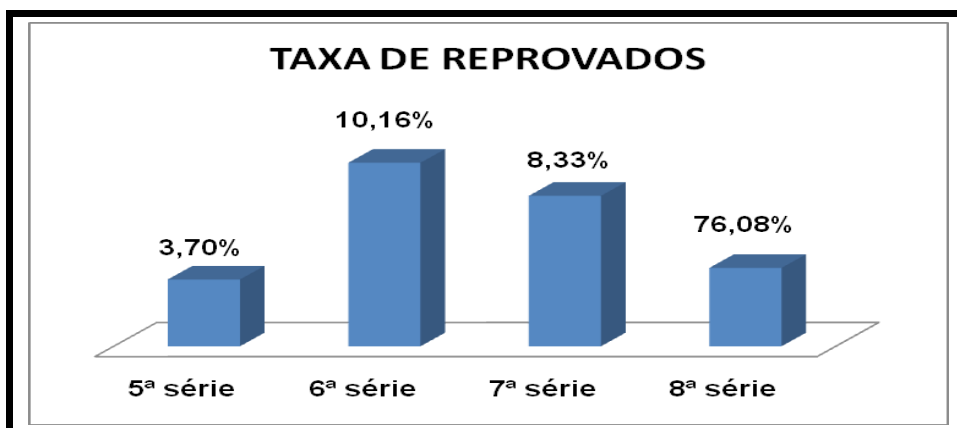
#### 4.2 ENSINO FUNDAMENTAL

e) Gráfico 5



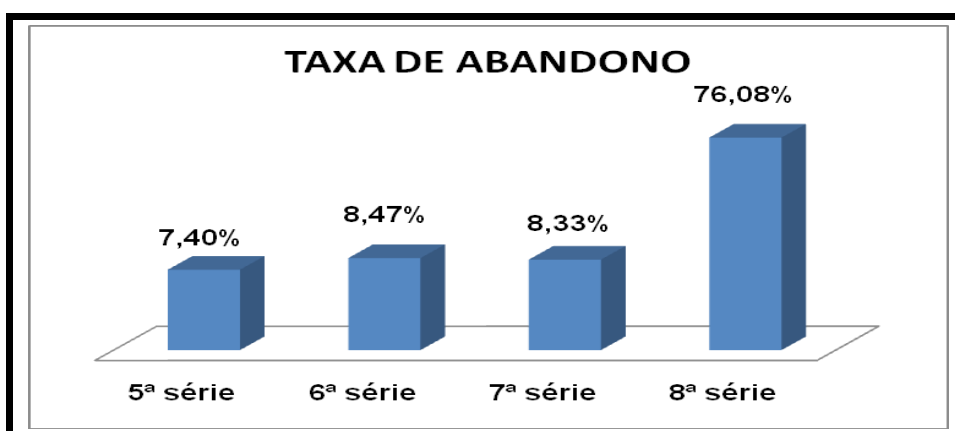
Fonte: SEED/SUDE/DIP/CIE – DADOS PRELIMINARES – SERE

f) Gráfico 6



Fonte: SEED/SUDE/DIP/CIE – DADOS PRELIMINARES – SERE

g) Gráfico 7



Fonte: SEED/SUDE/DIP/CIE – DADOS PRELIMINARES – SERE

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição dos gráficos possibilita entender que a evasão escolar está condicionada à saída do homem do campo rumo à cidade e isso é demonstrado com a apresentação das taxas do Ensino Médio, nota-se que a porcentagem de alunos que abandonam a escola excede o número de alunos reprovados, ou seja, a cada dia a mão de obra especializada se torna escassa pelo motivo de que o aluno não conclui o curso que inicia.

Da mesma forma, os dados apresentados em relação ao Ensino Fundamental também assustam dada a elevada porcentagem de alunos que não concluem essa modalidade e os números se apresentam elevados, ou seja, a taxa de reprovados e evadidos é significativa.

Em conversa informal com a diretora do referido estabelecimento fomos informados que são muitos os pais que solicitam a transferência dos filhos, ou que simplesmente vão embora e não levam a documentação necessária para o ingresso

em outros estabelecimentos de ensino. Enfim, disse a diretora, é uma rotatividade muito grande de alunos que vão e que vêm de mudança para este local. E isso sem dúvida está ligado às dificuldades que a família encontra em subsistir onde estão.

A solução para o problema seria a criação de investimentos, e até mesmo subsídios, para manter os pequenos produtores no campo, já que os problemas sociais e econômicos gerado pelo esvaziamento do campo geram maiores gastos para o Estado, além dos problemas ocasionados pelo fato dos grandes centros ficarem superlotados.

Analisar possíveis alternativas para que o jovem e sua família permaneçam em seu local de habitação; proceder a pesquisa de campo para identificação dos problemas enfrentados pelos pequenos agricultores do Distrito de Calógeras; sugerir atividades alternativas que possam amenizar e/ou evitar o problema da evasão rural e propor a formação de hortas caseiras para o sustento da família.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, H. O Desencontro do Ser e do Lugar: A migração nordestina para São Paulo. **VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Sessão Migração e Diáspora**, 2008.

FARIA, C. **Exôdo rural**. 2007. Disponível em: <http://www.infoescola.com/geografia/exodo-rural>. Acesso em 5 ago. 2011.

FREITAS, E. **Primeira revolução industrial**. 2002. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/geografia/primeira-revolucao-industrial.htm>. Acesso em 12 ago. 2011.

MESQUITA, B. **Código florestal: quem tem razão?** Disponível em: [www.ambiente.sp.gov.br/arquivos](http://www.ambiente.sp.gov.br/arquivos). Acesso em 13 ago. 2011.

SOUZA, M. N. **Êxodo rural e Urbanização desordenada: deficiência ou ausência de política agrícola?**. 2008. Disponível em: <http://www.portaldoagronegocio.com.br/conteudo.php?id=23778>. Acesso em 12 ago. 2011.